

Coluna do Castello

Tudo o que é sólido desmancha no ar

Os *históricos* do PMDB, que se declararam em dissidência e articularam a formação de um novo partido em resposta aos constituintes que, eleitos sob a mesma legenda, alinharam-se em favor do mandato de cinco anos para o presidente José Sarney, jogaram precipitadamente o partido no ar. "Tudo o que é sólido desmancha no ar", diz o título de um *bestseller* que ainda se vê nas vitrines. O PMDB desagregou-se a partir de então, mais concretamente depois que a maioria da sua representação votou pelo presidencialismo e pelo mandato de cinco anos. Os *históricos* consolidaram a decisão de fundar novo partido e o PMDB, tal como era antes, começou a evaporar.

Nessa formalização antecipada da dissidência e da ruptura estará uma das causas que abriam as comportas da resistência à pretensão do presidente da República de ganhar o mandato de cinco anos. Invocam os *históricos* coerência e acusam a maioria do seu partido de se solidarizar com um governo que traiu o compromisso de encerrar com uma eleição direta este ano, nos termos da promessa de Tancredo Neves, a transição democrática. Na medida, contudo, em que diluíram o núcleo da resistência à aspiração do Palácio do Planalto, desestimularam os que, nem sempre pelas mesmas inspirações políticas, preferiam encerrar o mais cedo possível o governo do sr. José Sarney.

O senador Fernando Henrique Cardoso, um dos principais promotores da dissidência, dá sinais de ter percebido a precipitação do seu grupo ao declarar que, se a Constituinte, contrariando a expectativa que se adensava antes da votação, optar pelos quatro anos, os *históricos* podem refluir ao partido e lutar dentro do PMDB pela prevalência de uma linha programática rejeitada pelos que se incluíram no *Centrão* ou fizeram preferencialmente o jogo do governo. A idéia da dissidência, a rigor, não deveria ter passado de um tema de meditação até que, votada a Constituição, se avaliasse o resultado em termos de medir a adesão da Carta às aspirações definidas por suas principais lideranças.

Anunciando com antecedência a decisão de sair do PMDB, embora sem fixar data, *históricos* e esquerda pemedebista de um modo geral entraram em processo interno de secessão, pois metade dos discordantes preferiu permanecer no partido e lutar ali, já então em piores condições, para



evitar que o PMDB seja dominado pelo centro conservador e cooptado por um grupo político que pretenderia vinculá-lo ao destino do atual governo. Enfraqueceu-se a esquerda de um modo geral e tornou-se inevitável a opção dos indecisos ou dos perplexos pelo que representa um núcleo concreto de poder partidário e político, consolidado pelos governadores e estratificado na liderança remanescente do deputado Ulysses Guimarães.

A esquerda perdeu-se, a luta pelos quatro anos, pela direta-88, volatilizou-se, e a tendência pelos cinco anos tornou-se, segundo os prognósticos que precedem a votação, uma avalanche. Os *históricos* marcham para formar seu partido, com a emoção que alcançará as camadas mais sensíveis da população mas com um áspero caminho a trilhar na consecução do objetivo de qualquer agrupamento político — ocupar o poder e definir sua essência e suas metas. O PMDB não vai desaparecer, mas vai mudar. Vai ser outro partido, sólido na medida em que detém o poder teoricamente em 22 estados e em que permanece como principal alternativa de sustentação de um governo que, por sua própria natureza, é de imprecisa índole político-ideológica.

A fração à esquerda continuará sua luta de sobrevivência dentro da legenda decantada pelas lutas, pelos reveses e pelas vitórias, mas uma luta que apenas assinalará a essência permanente de uma agremiação que, como frente ampla, nasceu sob o signo do provisório, mas a que condições históricas atribuíram durabilidade como referência de poder. Nele continuarão, ao lado dos governadores Orestes Quércia e Newton Cardoso, os governadores Miguel Arraes e Waldir Pires, cada um deles com o controle de suas bases, nas quais nem sempre a tônica é a coerência.

O governador da Bahia, homenageando embora o sr. Ulysses Guimarães, já preconiza a substituição do comando partidário por outro que seja fiel aos ideais políticos a que se apegou o sr. Waldir Pires, cuja lisura de intenções é um dogma da atualidade brasileira. Identifica-se o governador obviamente mais com os que estão deixando o partido do que os que nele permanecem, salvo alguns de seus companheiros, principalmente os da Bahia, que compartilham com ele os sofrimentos da hora. Mas a própria seção baiana do PMDB não é um modelo de coerência. Ela abriga o líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna, e o ministro da Habitação e Urbanismo, deputado Prisco Viana e, dentre os que são fiéis à liderança local do governador, nem todos dele se aproximam ideologicamente. Basta pensar no senador Luís Viana Filho e no deputado Luís Viana Neto, no senador Jutahy Magalhães, no ex-governador Roberto Santos e em tantos outros que, leais a compromissos partidários e pessoais, têm o seu perfil político distinto e bastante nítido.

Carlos Castello Branco